



RevistaAMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)



Vol. 18, número 1, jan-jun, 2025, pág. 96-118

Oficina de fanzines e extensão em contextos educacionais: ações para a expressão de subjetividades e facilitação da conscientização

Fanzine workshop and extension in educational contexts: actions for the expression of subjectivities and the facilitation of conscientization

Atelier fanzines et vulgarisation en contextes éducatifs : actions pour exprimer les subjectivités et faciliter la prise de conscience

Marina Machado da Trindade¹

Ani Caroline de Albuquerque Silva²

Lays Pereira Martins³

Fábio Pinheiro Pacheco⁴

Resumo

Este artigo objetiva compartilhar as vivências e reflexões oriundas da construção e facilitação de oficinas de fanzines em contextos educacionais. As oficinas foram realizadas em duas escolas públicas, sendo uma de Ensino Fundamental e outra de Ensino Médio; e em uma Instituição de Ensino Superior, também pública. Para o desenvolvimento do trabalho, utilizou-se da perspectiva de pesquisa em forma de relato de experiência, a partir do resgate das vivências das autoras registradas em diários de campo, escritos após as ações realizadas. Com isso, recorreu-se à Análise de Conteúdo como ferramenta para sistematização e análise das informações presentes nos diários de campo e nos materiais produzidos nas oficinas de fanzines, o que resultou no delineamento de quatro categorias de discussões, a saber, I) Fanzines no Ensino Fundamental e a Cultura de Paz; II) Fanzines no Ensino Médio e o olhar sobre a Educação; III) Fanzines no Ensino Superior e a Resistência; IV) Oficina de Fanzines e Extensão Universitária na Formação das Facilitadoras. Considera-se que as atividades desenvolvidas pelas extensionistas no âmbito educacional oportunizaram reflexões críticas acerca da realidade dos participantes, atravessada por um sofrimento ético-político e testificou a relevância sobre a produção do fanzine como ferramenta geradora de conscientização.

¹ Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista de Extensão. E-mail: marina.trindade@aluno.uece.br

² Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista de Extensão. E-mail: caroline.albuquerque@aluno.uece.br

³ Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista de Extensão. E-mail: lays.martins@aluno.uece.br

⁴ Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: fabio.pacheco@uece.br



Palavras-chave: Fanzine; Conscientização; Educação; Extensão.

Abstract

The aim of this article is to share the experiences and reflections arising from the construction and facilitation of fanzine workshops in educational contexts. The workshops were held in two public schools, one of which was an elementary school and the other a high school; and in a higher education institution, also public. To develop the work, we used the perspective of research in the form of an experience report, based on the authors' experiences recorded in field diaries, written after the actions carried out. Content Analysis was used as a tool for systematizing and analyzing the information in the field diaries and in the materials produced in the fanzine workshops, which resulted in the delineation of four categories of discussion, namely: I) Fanzines in Primary School and the Culture of Peace; II) Fanzines in Secondary School and the view on Education; III) Fanzines in Higher Education and Resistance; IV) Fanzine Workshop and University Extension in the Training of Facilitators. It is considered that the activities developed by the extension workers in the educational sphere provided critical reflections on the participants' reality, which is crossed by ethical-political suffering, and testified to the relevance of fanzine production as a tool for generating conscientization.

Keywords: Fanzine; Conscientization; Education; Extension.

Résumé

Cet article vise à partager les expériences et réflexions issues de la construction et de l'animation d'ateliers de fanzines dans des contextes éducatifs. Les ateliers ont eu lieu dans deux écoles publiques, une pour l'école primaire et l'autre pour l'école secondaire ; et dans un établissement d'enseignement supérieur, également public. Pour développer le travail, une perspective de recherche a été utilisée sous la forme d'un rapport d'expérience, basé sur la récupération des expériences des auteurs consignées dans des journaux de terrain, rédigés après les actions réalisées. Ainsi, l'analyse de contenu a été utilisée comme outil de systématisation et d'analyse des informations présentes dans les journaux de terrain et dans les matériaux produits lors des ateliers de fanzines, ce qui a abouti à la délimitation de quatre catégories de discussions, à savoir : I) Les fanzines dans l'enseignement primaire. et la culture de la paix ; II) Les fanzines au lycée et la perspective sur l'éducation ; III) Les fanzines sur l'enseignement supérieur et la résistance ; IV) Atelier Fanzines et Extension Universitaire dans la Formation des Animateurs. On considère que les activités menées par les vulgarisateurs dans le domaine éducatif ont fourni des opportunités de réflexion critique sur la réalité des participants, imprégnée de souffrance éthico-politique et ont témoigné de la pertinence de la production du fanzine comme outil de sensibilisation.

Mots-clés : Fanzine ; Conscience; Éducation; Extension.



Fanzine é um neologismo composto pela contração das palavras de língua inglesa, sendo “fan” de “fanatic” (fanático) e “zine” de “magazine” (revista), significando “revista do fã” (Pereira, 2016). A sua produção se caracterizava pelo seu caráter independente, artístico e em micro escala de pequenas revistas construídas segundo a criatividade de cada participante/autor (Pereira, 2016; Magalhães, 1993), sendo produtos que, geralmente, não geram lucro para seus criadores, sendo estes impulsionados por um desejo autêntico de expressar seus ideais, opiniões e reflexões sobre os mais diversos temas.

Para Pereira (2016) e Magalhães (1993), o fanzine é uma mídia alternativa e técnica comunicacional, que permite a mobilização da criatividade das pessoas na perspectiva de uma atuação social e de uma exibição individual/autoral que possibilita a construção de uma identidade autônoma. De acordo com Atton (2002), a comunicação alternativa trata-se de veículos comunicacionais que são identificados por apresentarem discussões, formatos e ideologias diferentes daquelas oferecidas pela mídia tradicional. Essa comunicação é capaz de criar grupos de indivíduos - pertencentes a diferentes públicos - vinculados com os mesmos desejos e pensamentos, que se socializam pelo impresso e por meio dele.

Assim, compreende-se que a construção de fanzine possibilita o fortalecimento do diálogo e da troca de experiência entre participantes, viabilizando formas alternativas de abordagem do conteúdo, dinamizando e tornando mais atrativa a aprendizagem e a discussão social. Quem produz um fanzine quer criar vias, meios de se apropriar e de dialogar com manifestações sem espaço de circulação na mídia tradicional.

Considerando as possibilidades de diálogos e reflexões possibilitadas pelos fanzines, entende-se que a construção coletiva das revistas pode contribuir no processo de conscientização das pessoas envolvidas. A conscientização, conforme Paulo Freire, consiste em “[...] tomar posse da realidade [...], é o olhar mais crítico possível da realidade, que a des-vela para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante” (Freire, 1980, p.29). Implicitamente, tem-se que o processo de conscientização traz em si não apenas implicações na dimensão cognitiva, mas também implicações políticas



relacionadas ao modo de conhecer a realidade em que o sujeito vive (Vieira; Ximenes, 2008). Nesse contexto, entende-se os fanzines como ferramentas que potencializam a conscientização ao proporcionar um espaço para a manifestação da subjetividade dos indivíduos por meio do diálogo, a problematização e a reflexão de temáticas pertinentes aos contextos dos participantes. Assim como no processo descrito por Freire, pode-se entender que a criação de fanzines permite que os indivíduos reflitam criticamente sobre a realidade que os cerca, possibilitando o trânsito das consciências.

À vista disso, este trabalho é um relato de experiência que tem como objetivo compartilhar as vivências e reflexões oriundas da construção e facilitação de oficinas de fanzines em contextos educacionais. Mussi, Flores e Almeida (2021) apontam o relato de experiência como uma forma de pesquisa que não se limita à mera narração dos eventos vivenciados, mas almeja uma análise que ressalta a importância da reflexão crítica e do embasamento teórico para ampliar a compreensão e a significância da experiência relatada. Assim, pretende-se refletir e articular a teoria estudada com as experiências vividas durante as oficinas - que objetivaram destacar o fanzine como ferramenta que potencializa a conscientização de indivíduos acerca dos fenômenos sociais e proporcionar um espaço para a manifestação de subjetividades, por meio da criação coletiva de um fanzine, de modo a fomentar o uso dessas ferramentas para transformar o processo de conscientização.

Outrossim, deve-se ressaltar que as atividades descritas neste relato fazem parte das ações realizadas pelo Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social e Comunitária (LAPISC) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), que possui como principal objetivo integrar ensino, pesquisa e extensão, promovendo reflexões, ações e a produção de conhecimentos sobre processos psicossociais que atravessam a realidade brasileira, com atenção especial ao contexto cearense. Dentre as ações extensionistas do LAPISC, destaca-se o projeto de extensão "Fanzines e Conscientização: Oficinas com Adolescentes do Ensino Médio de Escolas Públicas", que conta com o apoio de bolsas de extensão oferecidas pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UECE.



A PROEX compreende a Extensão Universitária como uma prática que se integra à matriz curricular e tem como um de seus objetivos a interação entre a universidade e a sociedade, de modo a valorizar a ação docente e o protagonismo estudantil e a apoiar as atividades de extensão por meio de bolsas estudantis. Nesse sentido, a atividade de extensão, neste estudo, é entendida como um processo de comunicação e construção coletiva, sustentado por práticas dialógicas, cooperativas e colaborativas de aprendizado. O aprendizado, nesse contexto, é um processo coletivo, não hierárquico, que envolve a capacidade de "construir, reconstruir e refletir para transformar", o que exige disposição para encarar o risco e a aventura do espírito (Freire, 1996, p. 69). Assim, a extensão é vista como um espaço de comunicação, troca e envolvimento mútuo, onde a instituição de ensino interage com a comunidade, influenciando-a e sendo influenciada por ela.

No que tange o referido Projeto de Extensão, este se volta para o desenvolvimento de atividades comunitárias voltadas a jovens estudantes do ensino médio de escolas públicas. As ações propostas consistem na realização de oficinas de construção de fanzines, uma atividade prática que culmina na criação de um livreto e, simultaneamente, estimula o desenvolvimento do pensamento crítico dos participantes (Magalhães, 1993).

Inicialmente, optou-se por trabalhar com adolescentes devido à relevância dessa fase no desenvolvimento humano, entendida como um período de transição crucial entre a infância e a vida adulta (Xavier & Nunes, 2015). Quanto à escolha do ambiente escolar como espaço para a realização das oficinas, considera-se a educação um pilar fundamental no desenvolvimento do sujeito e de seu psiquismo. A escola, por sua vez, desempenha um papel essencial ao proporcionar o conhecimento formal, indispensável à formação dos indivíduos (Vygotsky, 2007).

Todavia, ao longo do ano, com o desenvolvimento das ações e a mobilização dos participantes, outras faixas-etárias foram sendo incluídas. Então, decidiu-se expandir o alcance do projeto, promovendo atividades em diferentes níveis de ensino — fundamental, médio e superior. Essa decisão permitiu explorar as especificidades de cada etapa do desenvolvimento humano, reconhecendo as particularidades



cognitivas, emocionais e sociais que caracterizam cada grupo etário; e discutindo temáticas pertinentes a cada grupo.

No que diz respeito à escolha da realização das oficinas no contexto educacional, ressalta-se que, hodiernamente, a busca por um processo de ensino-aprendizagem eficaz tem sido constante na área da educação, principalmente devido aos modos de vida contemporâneos, em que metodologias tradicionais conflitam de forma crescente com o uso das tecnologias. Dessa forma, compreender os mecanismos que permeiam o processo de aprendizagem é fundamental para desenvolver estratégias que possibilitem um engajamento mais significativo dos estudantes em sala de aula. A figura do professor não é mais vista como aquela que detém o conhecimento absoluto, nem os alunos são meros receptores passivos das informações (Araújo, 2011). Nesse contexto, a metodologia ativa fanzine surge como uma abordagem promissora, buscando romper com o modelo tradicional de ensino, incentivando a criatividade, a colaboração e o compartilhamento de saberes.

Conforme Nascimento e Feitosa (2020), as metodologias ativas apresentam importantes recursos para a formação crítica e reflexiva do aluno por meio do processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, durante as mediações das oficinas em sala de aula nos diferentes contextos pedagógicos, foi possível observar o engajamento dos estudantes durante a realização das atividades, a colaboração e o compartilhamento de conhecimento, resultando em um ambiente de aprendizagem mais participativo e significativo. Ainda sobre esse prisma, destaca-se que a aprendizagem ativa acontece conforme a interação entre o aluno e o meio, ou seja, quando ele interage com o assunto, sente-se estimulado a construir o seu conhecimento em vez de recebê-lo de maneira passiva (Nascimento & Feitosa, 2020).

Assim, compreende-se que a oficina de fanzine corresponde a uma prática educacional que não toma um conteúdo a ser ensinado, mas, antes, um espaço de aprendizagem no qual não há uma obrigatoriedade do que se deve aprender (Cervi & Augsburger, 2016). A concretização da oficina de fanzines exprime nos estudantes um processo de autoeducação, ou seja, em sua condução não há uma hierarquia ou soberania de conhecimento, pelo contrário, há uma ruptura, as burocracias ligadas aos modos disciplinares de educar, conteudistas, e a prevalência das relações



professor-aluno (Cervi & Augsburger, 2016). Logo, o fanzine se apresenta como ferramenta libertária e de autoconhecimento inseridas no processo educacional.

Diante de uma sociedade marcada pela desigualdade social e pela negação de direitos, o fanzine se apresenta como uma forma de resistência, ao descontinuar os fluxos de comunicação hegemônica e os mecanismos de controle. Seguindo essa linha de raciocínio, a oficina de fanzine reverbera as potências enquanto prática de liberdade e como uma ferramenta educativa, que educa sem escolarizar (Cervi & Augsburger, 2016), permitindo que os participantes visualizem os fenômenos sociais que os atravessam e como a influência destes implica no seu processo de ensino-aprendizagem.

Método

Este trabalho trata-se de um relato de experiência de alunas extensionistas do projeto “Fanzines e conscientização: Oficinas com adolescentes do ensino médio de escolas públicas”, que integra as ações do Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social e Comunitária (LAPISC) do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O projeto realizou oficinas de fanzines em três âmbitos educacionais distintos, a saber, o ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

No ensino superior, a oficina foi realizada na XXIX Semana da Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), no dia 11 de julho de 2024, com a participação de oito (08) pessoas, incluindo as facilitadoras. No processo grupal, a temática escolhida pelas participantes foi "Resistência". O encontro realizado no contexto universitário mobilizou uma das participantes, que é professora do ensino fundamental, a refletir sobre a relevância do fanzine como uma manifestação da subjetividade e uma ferramenta de reflexão crítica sobre a realidade. Esse impacto resultou em um convite para as extensionistas realizarem a oficina em uma escola de Ensino Fundamental, a escola Areninha, localizada no bairro Barra do Ceará. As oficinas na escola ocorreram nos dias 16 e 23 de outubro, com a participação de 11 a 18 alunos, e abordaram a temática sugerida pela professora: "Cultura de Paz".



No Ensino Médio, a facilitação da oficina ocorreu na Escola de Ensino Médio de Tempo Integral (EEMTI) Irmão Urbano Gonzalez Rodriguez, no dia 08 de novembro, com a participação de cerca de sete (07) alunos. Com a proposta de explorar "Como os estudantes enxergam a educação", buscando compreender de que forma a educação impacta a vida desses adolescentes e como eles se percebem nesse contexto.

Para a realização das oficinas, foram estabelecidas previamente algumas etapas para um melhor direcionamento e organização ao longo do processo de construção da atividade. A princípio, as oficinas seriam divididas em duas partes principais: teórica e prática. Todavia, devido a algumas limitações dos locais de realização das oficinas, estas seguiram as características e condições específicas de cada espaço, sendo realizadas com tempo reduzido, e cada uma adaptada às particularidades do local, o que resultou em ajustes na dinâmica e na abordagem das atividades.

Na primeira parte, de caráter teórico, os participantes foram introduzidos às temáticas trabalhadas, a fim de fornecer uma base conceitual que permitisse compreender o assunto central da oficina, preparando-os para a reflexão sobre as questões propostas. Na segunda parte, de natureza prática, os participantes envolveram-se na criação de seus próprios fanzines. Para isso, foram disponibilizados materiais para a confecção, como folhas de papel, cola, tesoura, lápis de cor, canetinhas, revistas para recorte, entre outros itens acessíveis para ilustração.

Os participantes de cada âmbito educacional foram organizados em pequenos grupos com a tarefa de produzir um fanzine coletivo sobre as temáticas já discutidas no primeiro momento da oficina. Assim, a produção final incluiu fanzines com os subtemas e discussões que não foram previstos; estes surgiram segundo o próprio movimento dos grupos e de sua criatividade.

No que se refere à elaboração deste estudo, durante a realização das atividades de extensão foi utilizado como ferramenta o Diário de Campo, ferramenta de intervenção que provoca reflexões sobre a própria prática de pesquisa e das decisões em relação ao planejamento e desenvolvimento desta (Kroef et al, 2020). A escrita do diário teve como objetivo facilitar o registro das experiências vividas e ter



as compreensões dessas experiências sistematizadas, a fim de contribuir com as análises a serem realizadas posteriormente.

Utilizou-se também a análise de conteúdo (Bardin, 1977) de materiais produzidos durante as oficinas, sendo os próprios fanzines ou outros produtos que foram produzidos em sala de aula. Ressalta-se que, ao longo das discussões, embora os conteúdos presentes nos fanzines sejam abordados, optou-se por não incluir imagens dos livretos produzidos, uma vez que nestes constam nomes e outras informações pessoais dos participantes. Para melhor apresentação do relato, dividiu-se as discussões em quatro subseções, a saber, I) Fanzines no Ensino Fundamental e a Cultura de Paz; II) Fanzines no Ensino Médio e o olhar sobre a Educação; III) Fanzines no Ensino Superior e a Resistência; IV) Oficina de Fanzines e Extensão Universitária na Formação das Facilitadoras.

Resultados e discussões

As oficinas de fanzines, realizadas em contextos distintos de ensino — fundamental, médio e superior —, destacaram-se como espaços de diálogo, expressão criativa e reflexão crítica. Em cada uma delas, foram explorados temas relevantes para os participantes, alinhando a proposta pedagógica da atividade às necessidades e realidades específicas de cada público.

Fanzines no Ensino Fundamental e a Cultura de Paz

No Ensino Fundamental, a oficina de fanzines foi realizada nos dias 16 e 23 de outubro de 2024 na Escola Areninha da Barra do Ceará, contando com a participação de um grupo entre 10 e 20 adolescentes do 8º e 9º ano do ensino fundamental, com idades variando entre 13 e 15 anos. O projeto Escola Areninha – Esporte e Educação em Tempo Integral - surgiu em 2019 e tem como público alvo os alunos da rede municipal de ensino do estado do Ceará, tendo como objetivo fortalecer o ensino de português e matemática dos alunos que apresentam dificuldade em tais matérias, além de contribuir para seu desenvolvimento pessoal e proporcionar o acesso a práticas esportivas no horário contraturno da escola, em uma estrutura desenvolvida



especificamente para essas atividades, uma vez que as escolas contempladas com o projeto são as que se encontram no entorno das areninhas (Prefeitura de Fortaleza, 2019).

A oficina foi organizada em resposta ao convite de uma professora da instituição, que sugeriu o tema "cultura de paz" para ser abordado na escola. A cultura de paz se refere a um conjunto de valores e práticas que promovem a convivência harmoniosa, o respeito mútuo e a justiça social, sendo um conceito que vai além da ausência de violência, englobando também atitudes que favorecem o diálogo, a resolução pacífica de conflitos e a inclusão (Dupret, 2002).

Durante o primeiro encontro da oficina, esteve presente um grupo com aproximadamente 20 estudantes. Inicialmente, houve uma apresentação de todos os participantes e, então, mobilizou-se uma roda de conversa com os adolescentes, onde se buscou entender o que eles compreendiam por "Cultura de Paz", levando-os a compartilhar suas percepções sobre a convivência e o modo como os conflitos eram resolvidos no ambiente escolar. Observou-se que os alunos eram bastante ativos e se organizavam em pequenos grupos, com o grupo dos meninos dominando a atenção. Apesar de um interesse inicial em dialogar sobre paz, a participação oscilou bastante, conforme se distanciavam e se envolviam novamente ao longo da conversa.

As discussões revelaram uma naturalização das dinâmicas de violência, tanto física quanto verbal, presentes nas interações cotidianas entre os estudantes. Apesar de não serem todos os alunos que estavam de acordo ou que consideravam como a melhor forma de resolução de conflitos, a violência era referenciada como uma prática prevalente nas relações escolares. No final do encontro, foi proposto uma atividade rápida: os alunos foram incentivados a refletir sobre possíveis formas de reduzir a violência no ambiente escolar e a pensar sobre o que seria necessário para promover uma cultura de paz. Essas reflexões seriam levadas para a construção dos fanzines no segundo encontro.

O segundo encontro foi focado na criação dos fanzines. A proposta era que os alunos, a partir das reflexões feitas no encontro anterior, expressassem suas ideias sobre a paz e as formas de combater a violência no ambiente escolar. Durante a oficina, os alunos foram divididos em grupos pequenos, nos quais puderam escolher



subtemas relacionados à cultura de paz, refletindo sobre como este conceito poderia se manifestar na escola e na sociedade.

Os alunos, por meio da criatividade, utilizaram materiais como revistas, jornais, canetinhas e lápis para compor seus fanzines. O envolvimento dos participantes variou, com alguns grupos se mostrando mais engajados, enquanto outros tiveram menor participação. Esses fanzines não apenas se tornaram uma ferramenta de expressão criativa, mas também uma maneira de os alunos refletirem sobre seu papel na construção de uma cultura de paz.

Sob a perspectiva deste grupo, ressalta-se, que para representar a “Cultura de paz”, foram escolhidas palavras como “cultura de pais”, “carinho”, “cuidado”, “proteção” e “amor”. Havia também desenhos que representavam famílias e uma mensagem sobre a importância dos momentos de lazer com suas famílias. Na produção do segundo grupo, também foram encontradas as palavras “família” “carinho” e “love” (“amor” em inglês). Ademais, houve a associação de paz com momentos de lazer, tais como “assistir o jogo de futebol do seu time favorito”, “olhar para o céu” e “ir ao mar”.

Sobre o terceiro grupo, destaca-se que a representação do tema utilizou as frases “Respeite o próximo”, “Respeite a paz do próximo”, “Respeite os animais” e “Procure resolver as coisas no diálogo”. Ademais, há o desenho de uma “carinha feliz”, relacionando o tema com elementos positivos, assim como os outros grupos.

Em síntese, a oficina de fanzines se consolidou como um espaço de diálogo e reflexão, onde os alunos puderam expressar a sua realidade e entrar em contato com uma reflexão crítica sobre essas vivências, materializando também a sua subjetividade perante ao tema, expressando os seus próprios conceitos de paz, dentro do que se enxerga como possível na sua realidade. Caracterizou-se com um desafio nesse contexto a busca por um ambiente escolar mais pacífico, com maior compreensão das relações interpessoais e do potencial de mudança por meio da educação. Assim,

Ao criar um fanzine, o autor não está apenas transmitindo uma mensagem, mas está também, como em um processo de autodescoberta, problematizando sua



própria identidade e sua posição no mundo. Essa invenção de si está fortemente ligada à possibilidade de agir sobre o mundo, refletindo criticamente sobre ele. Assim, o fanzine se torna um instrumento de problematização social, permitindo aos criadores expressar suas inquietações e atuar como agentes de mudança dentro de sua comunidade ou até mesmo em uma esfera mais ampla (Muniz, 2012, p. 45).

Ao ser inserido no ambiente educacional, o fanzine pode se tornar uma potente ferramenta pedagógica, proporcionando aos alunos não apenas a oportunidade de se expressarem artisticamente, mas também de questionar e refletir criticamente sobre o mundo ao seu redor (Campos, 2016). Nesse sentido, enxerga-se também a ideia do fanzine como "prática de resistência", que oferece aos alunos a oportunidade de questionar normas sociais e culturais, refletindo sobre sua realidade de forma crítica e criativa. A oficina de fanzines, ao abordar a cultura de paz e a resolução de conflitos, permitiu que os estudantes tomassem consciência sobre a naturalização da violência no contexto escolar e propusessem alternativas para um ambiente mais pacífico.

Fanzines no Ensino Médio e o olhar sobre a Educação

No contexto do Ensino Médio, a oficina de fanzines foi realizada em parceria com a pesquisa “Como fazer da escola território de uma cultura comum? A pesquisa participativa em uma escola de ensino médio em tempo integral de Fortaleza”, sob coordenação da professora doutora Luciana Martins Quixadá do curso de Psicologia da UECE; e com recurso financeiro pela Chamada CNPq/MCTI Universal - 2023. Trata-se de uma pesquisa com o objetivo de estabelecer uma cultura escolar comum entre representantes dos diferentes grupos de atores da comunidade escolar, por meio do processo de intercompreensão entre eles. A relevância dessa pesquisa refere-se ao estabelecimento de processos de participação e integração com representantes de todos os atores da comunidade escolar (gestores, professores, alunos e pais de alunos), em um espaço/tempo coletivo, em condições de contribuir para o desenvolvimento de uma cultura comum a respeito da situação escolar, além



da criação de recursos para uma gestão democrática e participativa com representantes desses diferentes atores.

A oficina aconteceu na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI) Irmão Urbano Gonzalez Rodriguez, contando com a participação de sete estudantes. A atividade foi proposta para explorar as percepções dos estudantes sobre a educação, tema já discutido em encontros anteriores por pesquisadores envolvidos no projeto. Com o objetivo de entender como eles enxergam a influência da educação em suas vidas, os participantes foram organizados em um trio e duas duplas. Juntos, definiram de forma colaborativa os temas que seriam trabalhados em seus fanzines. Deve-se ressaltar que, durante a atividade, foi explicado sobre o que se trata um fanzine e que este possui como um dos objetivos finais a sua divulgação.

O ambiente da oficina foi caracterizado por uma atmosfera colaborativa. Enquanto exploravam materiais disponíveis, como revistas, jornais e livros, os estudantes dialogavam sobre diversos temas, evidenciando uma interação fluida. Para auxiliar na criação dos fanzines, foram disponibilizados recursos variados, como canetinhas, lápis, tesouras, cola e folhas, fomentando a criatividade e a expressão dos participantes.

No que diz respeito à elaboração dos fanzines, durante o processo, percebeu-se que os estudantes enxergam a educação como algo significativo, reconhecendo-a como um caminho para o desenvolvimento pessoal e demonstrando interesse em estudar e ingressar na universidade. Ao longo do encontro, eles fizeram perguntas para as facilitadoras sobre o ambiente universitário, sobre os professores e a experiência acadêmica, demonstrando curiosidade e vontade de se aproximar desse “universo”.

Como resultado final, três fanzines foram produzidos, cada um com uma abordagem distinta. O primeiro abordou a educação sob uma perspectiva mais escolar, oferecendo dicas sobre como ter um bom desempenho nos estudos. O segundo explorou as relações interpessoais desenvolvidas ao longo do processo educacional, com destaque para o papel do apoio familiar. O terceiro enfatizou a educação como promotora de mudanças sociais, destacando seu impacto transformador.



Os fanzines produzidos não apenas ilustraram a criatividade dos estudantes, mas também revelam suas percepções e experiências sobre a educação. Pereira (2016) destaca que o fanzine reforça o diálogo e a troca de experiências entre todos os participantes, viabilizando formas alternativas de abordagem do conteúdo, dinamizando e tornando mais atrativa a aprendizagem. Isso está alinhado à mobilização da capacidade criativa dos alunos na perspectiva de uma atuação social e de uma exibição individual/autoral que muito oferece à construção de uma identidade autônoma (Pereira, 2016, p. 149). Por meio da produção dos fanzines, os estudantes não apenas comunicaram ideias, mas também construíram e expressaram seus pensamentos, reforçando a capacidade de autonomia e criatividade. Nesse sentido, a oficina proporciona um espaço de diálogo que oferece aos participantes a possibilidade de explorar suas identidades de maneira livre, por meio de instrumentos de expressão e transformação.

Ademais, os fanzines, enquanto ferramentas artísticas e expressivas, proporcionaram um espaço para a reflexão sobre a subjetividade no contexto educacional. A subjetividade, compreendida como a percepção que temos de nós mesmos em relação ao mundo, é continuamente moldada pelos contextos socioculturais e pelas relações de poder que estruturam a sociedade contemporânea (Valle & Moreira Junior, 2017). Nesse sentido, os fanzines oferecem um espaço de expressão não padronizado, permitindo que os indivíduos explorem suas identidades, de modo a afirmar suas singularidades e dialogar com a multiplicidade de perspectivas que os atravessam. Na oficina, a criação de três fanzines distintos exemplificou como essa ferramenta pode ser um catalisador para o desenvolvimento de subjetividades.

O primeiro fanzine, com uma abordagem focada em dicas para o sucesso escolar, refletiu a visão dos estudantes sobre o papel da organização e do esforço no ambiente educacional. O segundo, centrado nas relações interpessoais e no apoio familiar, destacou a importância das conexões humanas como base para a trajetória educacional. Já o terceiro fanzine trouxe uma perspectiva transformadora, enfatizando a educação como um meio de promover mudanças sociais.

Os participantes, ao refletirem sobre temas como educação e sua relação com o ambiente em que vivem, utilizaram o fanzine como uma ferramenta para ressignificar



suas experiências e construir narrativas que desafiavam perspectivas externas. Esse movimento ficou particularmente evidente no fanzine elaborado pelo trio, que abordou a educação como forma de ascensão social, no qual se destacou a frase "A educação correta pode mudar a vida de alguém". Por meio dessa produção, os estudantes não apenas reconheceram a importância da educação como um instrumento de transformação pessoal, mas também como um mecanismo de ruptura com os limites impostos por seu contexto social. A escolha deste tema revela um desejo de realizar projetos de vida, superando estigmas e desafios estruturais, compreendendo a educação como uma ferramenta de emancipação que desafia as desigualdades e reconfigura possibilidades para o futuro.

Já o fanzine da primeira dupla evidencia que esta compreende, de certo modo, a educação dentro de uma perspectiva mais associada ao espaço escolar e às suas demandas práticas. O foco em aspectos como "recuperar notas", "entregar boletins" e a necessidade de "cuidar da saúde para melhorar o desempenho escolar" aponta para uma visão concreta e direcionada sobre a educação. Este fanzine reflete como os estudantes percebem a escola como um espaço central de organização de suas rotinas, sendo este ambiente determinante no desenvolvimento de habilidades e no alcance de metas específicas.

Enquanto isso, no fanzine desenvolvido pela segunda dupla, a educação é representada como uma construção coletiva e relacional, envolvendo a família, amigos e a sociedade em geral. As imagens e frases destacam elementos afetivos e sociais como pontos importantes no processo educativo.

A presença de figuras como "família" e "amizade para a vida toda" sugere que os participantes percebem a educação não apenas como um processo acadêmico, mas também como um ato de construção de valores e vínculos que sustentam o indivíduo em seu desenvolvimento. Outrossim, a escolha de ícones políticos e frases como "A importância da educação para a sociedade" reforça um olhar ampliado sobre o impacto da educação na formação cidadã e na transformação social.

Fanzines no Ensino Superior e a Resistência



No ensino superior, a oficina foi realizada na XXIX Semana da Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), no dia 11 de julho de 2024, com a participação de oito pessoas, incluindo as facilitadoras. O grupo era composto por mulheres estudantes da UFC e da Universidade Estadual do Ceará (UECE), residentes em diferentes municípios do Ceará, como Fortaleza, Caucaia, Itapipoca e Sobral, com idades variando de 18 a 26 anos.

A primeira parte do encontro focou na introdução teórica e técnica do fanzine e na apresentação da proposta da atividade. Foram compartilhadas informações sobre o assunto da oficina, exibidos exemplares de fanzines, compartilhadas experiências anteriores com a técnica e esclarecidas dúvidas sobre o que foi exposto. Assim, as principais dúvidas surgiram em torno do processo de construção do fanzine, como a síntese de ideias, a seleção de imagens e suas possíveis aplicações.

Após esse primeiro momento, as participantes optaram por criar um único fanzine coletivamente. Nesse sentido, a proposta do primeiro encontro foi, então, a seguinte: “Como grupo, escolham um tema relacionado à resistência e desenvolvam um fanzine sobre esse tema”. Ao apresentarmos essa proposta, surgiram perguntas relacionadas à elaboração da temática, o que levou as facilitadoras a levantarem questionamentos como: “Qual a relação e as semelhanças que vocês enxergam entre si?”; “O que é resistência para vocês, como mulheres, ou de acordo com suas próprias especificidades?”; e “O que vocês, em um contexto acadêmico, entendem por resistência?”.

Desse modo, iniciou-se uma conversa entre as participantes sobre o significado de resistência. Entre as falas, destacou-se a de uma das participantes, que mencionou que ocupar diferentes espaços é uma forma de resistência, pois, muitas vezes, questionou seu próprio posicionamento em relação a pautas sociais, especialmente enquanto mulher do interior do estado que enfrenta dificuldades para se manter na universidade e que estar presente e persistir também é uma forma de resistência.

Dessa forma, as demais integrantes do grupo refletiram e concordaram com esse relato, chegando à conclusão de que a resistência é, muitas vezes, um processo contínuo e multifacetado. Elas observaram que resistir não se limita a grandes atos de oposição ou confrontos diretos, mas também se manifesta em ações cotidianas



diante de desafios pessoais e sociais. Esse entendimento ampliou a visão de que a resistência pode ser silenciosa, como persistir em uma trajetória acadêmica, manter-se firme em suas convicções ou lutar por espaços de expressão e voz, mesmo em contextos adversos.

De acordo com Freitas et al. (2017), a origem da universidade pública, apesar de ser destinada a toda a sociedade, era mais comum que as vagas fossem direcionadas para as elites, sendo considerada, para estes, como um caminho natural na continuação dos estudos. Hoje, apesar da lei de cotas e com o aumento do número de vagas no Ensino Superior privado, a graduação representa ainda um grande desafio para a classe trabalhadora. Desse modo, há uma série de desafios para os alunos provenientes das classes trabalhadoras, seja no que se refere à sua entrada, sua permanência, como os impasses para passar no vestibular, as dificuldades para conseguir conciliar trabalho e estudo, socialização no campus, entre outros fatores (Freitas, et al. 2017).

Durante esse diálogo, as participantes começaram a identificar semelhanças entre si, como o fato de todas serem mulheres, algumas delas se relacionarem afetivamente com outras mulheres, e outras serem estudantes que vieram de diferentes municípios para cursar a universidade. A partir dessa identificação coletiva, compreende-se que as experiências compartilhadas também são formas de resistência, seja na busca por visibilidade, na superação das dificuldades de adaptação a um novo ambiente ou na afirmação da própria identidade.

Após as discussões foi realizada a elaboração do fanzine, o grupo decidiu que cada participante seria responsável por criar sua própria página, utilizando o material fornecido pelas facilitadoras. A proposta era que cada uma expressasse, em sua página, o significado pessoal que a palavra "Resistência" carregava. Durante essa parte prática, as participantes conversavam entre si sobre os conteúdos encontrados nos livros e revistas disponíveis, o que acabou revelando gostos pessoais em comum. Essas afinidades criaram um ambiente descontraído durante a elaboração do fanzine, promovendo um momento de troca. Além disso, outra participante sugeriu que todas tirassem uma foto em grupo, a qual seria incluída no fanzine como um registro simbólico da experiência.



Vigotski (2024) ressalta que o sujeito precisa ser estimulado e realizar troca de conhecimento com o outro para ampliar suas experiências e sua imaginação, o que conseqüentemente implicará suas capacidades criativas. Dessa forma, as participantes, ao trabalharem em grupo, exercitam a socialização de ideias, discutindo preferências estéticas de cada um quanto às formas de organizar imagens e textos. Logo, a produção proporcionou às alunas a transitarem por diferentes caminhos, utilizando representações que comunicam significados, construindo e reconstruindo saberes que potencializam o poder de intervir como sujeitos pensantes no meio sócio-cultural (Campos, 2009).

Em consonância, os benefícios do uso da oficina de fanzines no contexto acadêmico contribuiu para a troca de saberes e descobertas em grupo, resultando na criação de laços afetivos, os quais são importantes na criação de identidades. Campos (2009) afirma que as revoluções causadas pelos fanzines são internas, silenciosas, porém marcantes para todos os envolvidos, sua produção leva aos participantes vislumbrar possibilidades de ir contra os discursos homogeneizantes e uniformizantes que nos deparamos em sala de aula e no cotidiano acadêmico. Dessa forma, Vigotski (2024), pontua que o processo de criação ocorre quando o sujeito imagina, combina e modifica a realidade. Portanto, não se restringe às grandes invenções da humanidade ou às obras de arte, mas refere-se à capacidade do homem de imaginar, descobrir, combinar e ultrapassar a experiência imediata.

Dessa maneira, percebe-se que a oficina possibilitou a manifestação da subjetividade dos participantes e a reflexão crítica sobre a realidade. O assunto "Resistência" estimulou um exame crítico das experiências individuais e coletivas das participantes. Logo, a prática mostrou que os fanzines são ferramentas promotoras de conscientização ao oferecer um espaço para expressão pessoal e reflexão crítica, envolvendo implicações cognitivas e políticas.

Percebeu-se que essas vivências as conectaram de várias formas e também mobilizaram as extensionistas, que reconheceram que se apropriar e ocupar espaços é uma forma de resistência contra um sistema gerador de sofrimentos e opressões interseccionadas. Ademais, a interação de todas reforçou a importância da prática como um meio eficaz de fomentar a discussão crítica e a resistência em contextos



variados. Essa vivência reafirmou a importância das oficinas como espaços de aprendizado mútuo.

Oficina de Fanzines e Extensão Universitária na Formação das Facilitadoras

Ao longo do desenvolvimento das oficinas, observou-se que os encontros possibilitaram discussões pertinentes às vivências dos participantes, promovendo processos de conscientização em torno das problemáticas que atravessavam seus contextos e suas identidades. Góis (2005) aponta que a participação ativa em atividades comunitárias, independentemente do tipo de atividade desenvolvida, promove a transição da consciência, tornando os sujeitos mais reflexivos e ativos no processo de transformação social, engajando-se mais na luta por seus direitos, bem como no fortalecendo de seu valor e poder pessoais. Nesse sentido, pensa-se que as oficinas de fanzines proporcionaram implicações positivas nos participantes, ao promover espaços de reflexões e a produção de atividades que culminaram no fortalecimento de identidades coletivas.

No que tange às alunas extensionistas, acredita-se que as ações proporcionaram duas formas de impactos para a formação. As alunas envolvidas na execução do projeto tiveram melhor apropriação, tanto teórico como prático, dos conhecimentos sobre a práxis de áreas da Psicologia, tais como a Psicologia Social, Psicologia Comunitária, Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Escolar e Educacional. Com isso, puderam melhor relacionar os conhecimentos apreendidos nas disciplinas das referidas áreas com a realidade sociocultural do contexto de atuação.

Ademais, a experiência de construção de um projeto de extensão a partir de uma realidade concreta aproximou as estudantes de uma formação cidadã mais consistente, fortalecida pelo comprometimento ético-político do tripé ensino-pesquisa-extensão. No que tange à universidade, entende-se que as ações de extensão impactam positivamente na medida em que o desenvolvimento das ações possibilitou que a universidade cumpra seu papel social, atendendo às demandas da sociedade,



voltando o ensino, a pesquisa e a extensão para as problemáticas emergentes do contexto na qual ela está inserida.

Considerações finais

As oficinas de fanzines demonstraram-se como poderosas ferramentas de expressão e reflexão crítica, promovendo a conscientização dos participantes sobre suas realidades e possibilidades de transformação. Ao combinar expressão criativa com um olhar crítico sobre as realidades sociais, os fanzines se configuram como instrumentos valiosos para a transformação da percepção dos participantes sobre o mundo ao seu redor, estimulando o desenvolvimento de uma cidadania mais consciente e engajada.

Pode-se relacionar esse processo de reflexão e expressão com o pensamento de Paulo Freire (1980), que defende a conscientização como um meio essencial para a libertação do indivíduo, permitindo que ele compreenda as condições que limitam sua ação no mundo e, a partir desse entendimento, possa agir para transformá-las. Assim, os fanzines, ao proporcionarem um espaço de reflexão crítica, se tornam um poderoso recurso pedagógico para o desenvolvimento de uma prática educativa que visa não apenas o aprendizado cognitivo, mas também a transformação social e a emancipação dos participantes.

Ademais, a experiência de facilitação das oficinas revelou-se uma importante etapa para a formação acadêmica das extensionistas, proporcionando um espaço de aprendizado significativo que vai além do conteúdo teórico aprendido em sala de aula. A condução das oficinas possibilitou às facilitadoras o fortalecimento de habilidades práticas e a ampliação do olhar crítico e reflexivo sobre os temas trabalhados, como a expressão subjetiva e o processo de conscientização. Essa vivência prática reforçou a importância da extensão universitária como um espaço de articulação entre teoria e prática, ao mesmo tempo em que promoveu o desenvolvimento de competências como a escuta ativa, a comunicação assertiva, a gestão de grupos e a adaptação às demandas de contextos diversos.



Referências

- Atton, C. (2002). *Alternative Media*. Sage.
- Araújo, U. (2011). A quarta revolução educacional: a mudança de tempos, espaços e relações na escola a partir do uso de tecnologias e da inclusão social. *ETD- Educação Temática Digital*, 12, 31-48. <https://doi.org/10.20396/etd.v12i0.1202>
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Campos, F. R. (2009). AbraFanzine: Da publicação independente à sala de aula. *Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos*, 5(10), 65-77. <http://dx.doi.org/10.17851/1809-8150.5.10.65-77>
- Cervi, G. M., & Augsburger, L. G. (2016). Fanzine e oficina: articulações para uma prática molecular em educação. *ETD Educação Temática Digital*, 18(4), 875-888. <https://doi.org/10.20396/etd.v18i4.8646446>
- Dupret, L. (2002). Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea. *Psicologia & Sociedade*, 14(1), 67-74. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572002000100013>
- Freire, P. (1980). *Conscientização: Teoria e prática da libertação*. Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia*. 16. ed. Editora Paz e Terra.
- Freitas, M. G. P., Lobo, L. G., Diniz, M., Amorin, E., & Menochi, L. (2017). Os desafios da entrada e permanência da universidade por estudantes da classe trabalhadora. Anais... *XXI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica*, Univap. https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2017/anais/arquivos/RE_0523_0602_01.pdf
- Góis, C. W. L. (2005). *Psicologia Comunitária: atividade e consciência*. Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais.
- Kroef, R. F. D. S., Gavillon, P. Q., & Ramm, L. V. (2020). Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(2), 464-480. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52579>
- Magalhães, H. (1993). *O que é fanzine*. Editora Brasiliense.
- Muniz, C. (2012). Fanzines: Autoria, subjetividade e invenção de si. *Práxis Educacional*, 7(13), 39-56. <https://doi.org/10.5935/1982-7199.20120004>



- Mussi, R. F. de F., Flores, F. F., & Almeida, C. B. de. (2021). Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, 17(48), 60-77. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>
- Nascimento, J. L., & Feitosa, R. A. (2020). Metodologias ativas, com foco nos processos de ensino e aprendizagem. *Research, Society and Development*, 9(9), e622997551-e622997551. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7551>
- Pereira, D. R. (2016). Fanzine na sala de aula: uma proposta pedagógica de incentivo à produção textual. *Revista bem legal*. Porto Alegre 6(2), p.149.
- Prefeitura de Fortaleza. (2019). *Prefeitura de Fortaleza lança projeto Escola Areninha e amplia ensino em tempo integral*. <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-lanca-projeto-escola-areninha-e-amplia-ensino-em-tempo-integral>
- Valle, L. D., & Moreira Junior, J. L. (2017). O fanzine e a potência educativa no ensino das artes visuais. In F. Miranda, G. Vicci, & M. Ardanche, (Orgs.), *Actas del I Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual*. Dispositivos y artefactos, Narrativas y Mediaciones. Universidad de la República. <https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/p/26985-2017>
- Vieira, E., & Ximenes, V. (2008). Conscientização: em que interessa este conceito à Psicologia? *Psicologia Argumento*. 26(52), 23-33. <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19735>
- Vigotski, L. S. (2024). *Imaginação e criatividade na infância*. WMF Martins Fontes.
- Xavier, A. S., & Nunes, A. I. (2011). *Psicologia do Desenvolvimento*. Brasília: Liberlivro.

Recebido: 12.12.2024

Aprovado: 20.12.2024

Publicado: 01.01.2025

Autores

Marina Machado da Trindade

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), bolsista de extensão do Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social e Comunitária (LAPISC). E-mail: marina.trindade@aluno.uece.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4403-706X>



RevistaAMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)



Ani Caroline de Albuquerque Silva

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), bolsista de extensão do Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social e Comunitária (LAPISC). E-mail: caroline.albuquerque@aluno.uece.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2695-8240>

Lays Pereira Martins

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), bolsista de extensão do Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social e Comunitária (LAPISC). E-mail: lays.martins@aluno.uece.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0718-9578>

Fábio Pinheiro Pacheco

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), professor do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social e Comunitária (LAPISC). E-mail: fabio.pacheco@uece.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4139-1506>